

A CONSTRUÇÃO DAS QUEIXAS DE APRENDIZAGEM ESCOLAR: AÇÕES DO PSICÓLOGO EM GRUPOS OPERATIVOS DE ORIENTAÇÃO FAMILIAR

Danielle Grattão Rovina (UFMS)

RESUMO

A Educação vem sofrendo processo de patologização/medicalização ante as dificuldades de aprendizagem das crianças/adolescentes. As queixas escolares são consideradas inerentes ao aluno, relegando-se os contextos escolar, familiar e social deste. O Psicólogo Escolar contribui para o conhecimento da produção destas queixas, auxilia na promoção e mediação dos processos de desenvolvimento humano e de ensino/aprendizagem. A família desempenha importante papel na estruturação do psiquismo das crianças/adolescentes, na construção de suas identidades, processos de aprendizagem e na formação das subjetividades. Pretende-se relatar uma das práticas realizada na clínica-escola do curso de Psicologia da UFMS, em Paranaíba, no Estágio Supervisionado em Psicologia e Processos Educativos. Realizou-se orientações familiares, visando compreender a dinâmica das famílias envolvidas, relação entre pais, filhos e escola e incentivo à participação das famílias na vida escolar dos filhos. Este trabalho proporcionará reflexões aos profissionais da área Educacional face à elaboração de estratégias para participação familiar na escolarização dos filhos.

Palavras-chave: Psicologia Educacional. Psicologia Escolar. Grupos Operativos. dificuldades de aprendizagem. orientação familiar

Introdução

A área da Educação vem sofrendo um processo de patologização e consequente medicalização no que tange as dificuldades de aprendizagem de crianças/adolescentes. Comumente as queixas escolares do aluno são relatadas como sendo inerentes a ele, desconsiderando o contexto escolar e familiar do educando. Um dos motivos mais frequentes de encaminhamentos de crianças e adolescentes às clínicas de Psicologia são as queixas escolares, popularmente conhecidas como “problemas escolares” ou “distúrbios de comportamento e aprendizagem”. O aluno muitas vezes é considerado como centro do “problema”, fato que acarreta em diagnósticos que menosprezam o processo de produção das queixas escolares e desconsideram as relações sociais do aluno e a realidade em que as dificuldades de aprendizagem se constituíram. Tais queixas são formadas em uma história coletiva, e uma das atribuições do Psicólogo Escolar e Educacional é buscar conhecer a produção destas queixas (PROENÇA, 2000).

Nesse viés, considerando o homem como ser social que se constrói historicamente, na relação com o outro, produto e produtor de toda cultura humana, é fundamental ressaltar a importância que a família desempenha na estruturação do psiquismo das crianças, influenciando ainda na construção de suas identidades, processos de aprendizagem e na formação das subjetividades. Conforme afirma Proença (2007):

[...] Na vida cotidiana o homem objetiva-se em numerosas formas e ao formar o seu mundo forma-se também. Esse processo pode ser visto na Educação. O processo educativo na vida cotidiana não se expressa somente no modo pelo qual eu aprendi de meus pais certas regras de vida fundamentais, mas também no modo em que eu

as transmito para meu filho. No meu educar repercutirão também minhas experiências pessoais: quando comunico meu mundo, expresso também essas experiências; quando ‘transmito’ meu mundo, contemporaneamente objetivo-me como alguém que já se apropriou desse mundo. (PROENÇA, 2007, p. 126).

Diante destas reflexões, durante o período letivo do segundo semestre de 2010 e primeiro semestre de 2011, foi realizada uma prática por meio do Estágio Supervisionado em Psicologia Escolar e Processos Educativos – Grupo de Atenção Psicoeducacional, no campus de Paranaíba da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. O mencionado estágio apresentou o objetivo de compreender o homem em sua totalidade, nas suas relações e possibilitar aos acadêmicos, com auxílio de supervisões semanais, elaborar os conhecimentos sobre as práticas psicoeducacionais por meio de ações preventivas e intervenção psicopedagógica, dirigido a uma clientela que chegou até a Clínica-Escola de Psicologia da UFMS/CPAR, com queixas de dificuldades de aprendizagem.

Para trabalhar as queixas trazidas pelas escolas de crianças e adolescentes com dificuldades de aprendizagem, o Estágio Supervisionado em Psicologia Escolar e Processos Educativos buscou trabalhar no espaço clínico tais queixas, considerando também as vivências escolares e as relações parentais das crianças envolvidas. Tal prática foi desenvolvida de forma integrada com crianças/adolescentes, seus responsáveis e a escola, entretanto, o foco do presente trabalho é compartilhar como ocorreu o trabalho com as famílias dos alunos e os respectivos resultados da prática.

O trabalho foi realizado por meio de grupos operativos, que conforme Pichon-Rivière (2007) são conjuntos de pessoas com um objetivo comum, e, neste sentido, visa orientar a família nos cuidados às queixas escolares de seus filhos.

A prática foi realizada com grupos de seis acadêmicos que trabalharam em duplas, e cada dupla foi responsável por atender uma demanda, ou seja, as crianças, os adolescentes, os pais e as escolas, sendo esta última visitada por todos os acadêmicos. A proposta foi auxiliar as crianças e adolescentes com atividades psicopedagógicas e lúdicas; já no atendimento aos pais, houve o intuito de saber melhor sobre a dinâmica familiar, a relação existente entre os pais, seus filhos e a escola. No trabalho com a escola buscou-se conhecer a visão dos professores e dos outros profissionais da instituição acerca do comportamento, aprendizagem e desenvolvimento dos alunos envolvidos no trabalho e a participação de seus pais na vida escolar. Cada grupo de atendimento, de forma separada, aconteceu semanalmente com duração de 90 minutos cada.

Polity (2001) afirma que qualquer que seja a etiologia da dificuldade de aprendizagem (neurológica, emocional, cognitiva ou genética), o grupo familiar é um fator decisivo para a resolução da situação. Sendo assim, a prática pôde contribuir para que o fracasso escolar advindo de causas como queixas de dificuldades de aprendizagem fosse considerado uma produção da realidade e fosse visto com um novo olhar.

1. Breve histórico da relação entre Psicologia e Educação

A articulação da Psicologia com a Educação emergiu da necessidade das escolas de corrigir e adaptar os alunos com dificuldades de aprendizagem ao que é esperado pela instituição. Tal adaptação era vislumbrada por meio de psicodiagnósticos e avaliações psicológicas, utilizados pelo psicólogo, visto que este já possuía o uso exclusivo dos mencionados recursos. Dessa forma, foram levados para dentro da escola o modelo clínico de atuação do psicólogo e seus instrumentos de trabalho (OLIVEIRA; MARINHO-ARAÚJO, 2009).

Neste contexto, as crianças e adolescentes com dificuldades de aprendizagem eram classificadas, para então serem ajustadas aos padrões de normalidade definidos e esperados pela sociedade. Logo, a utilização deste modelo médico de intervenção escolar acarretou na patologização escolar, visto que atribui ao aluno a culpa por suas dificuldades de aprendizagem. Conforme tais práticas foram sendo realizadas, observou-se a necessidade de não mais culpabilizar o aluno por suas dificuldades apresentadas no contexto escolar, notando-se que estas dificuldades podem advir de uma série de outros fatores não isolados (OLIVEIRA; MARINHO-ARAÚJO, 2009).

Portanto, a aplicabilidade da Psicologia à Educação foi criticada por sua maneira de tentar adequar os alunos à escola, processo este que gerou exclusão em relação aos outros alunos, visto que a prática era realizada de forma descontextualizada, sem nenhuma referência histórico-cultural dos indivíduos, ignorando a realidade social destes alunos e de suas respectivas famílias. Oliveira e Marinho – Araújo (2009) apontam, atualmente, que a Psicologia Escolar é um campo de atuação do psicólogo, cujo principal objetivo é mediar os processos de desenvolvimento humano e de aprendizagem, de forma a contribuir para sua promoção.

Por fim, o psicólogo escolar pode atuar dentro ou fora da escola, utilizando os diversos conhecimentos das áreas da Psicologia, de forma a contribuir com o processo de aprendizagem e crescimento no contexto escolar. Deve ainda buscar alternativas que viabilizem o desenvolvimento e crescimento de todos os atores envolvidos neste campo, atuando conjuntamente para o sucesso de todas as partes. Mitjans Martínez (2003) elucida a Psicologia Escolar como sendo:

[...] um campo de atuação profissional do psicólogo (e eventualmente de produção científica) caracterizado pela utilização da Psicologia no contexto escolar, com o objetivo de contribuir para otimizar o processo educativo, entendido este como complexo processo de transmissão cultural e de espaço de desenvolvimento da subjetividade. (MITJANS MARTÍNEZ, 2003, p. 107).

2. A importância da família na educação

A escola e a família são responsáveis pela transmissão e construção do conhecimento, funcionando como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos dos indivíduos. As autoras Dessen e Polonia (2007) consideram a família como contexto de desenvolvimento humano, visto que é um dos primeiros ambientes de socialização dos indivíduos. A família é vislumbrada também como primeira instituição social que deve assegurar a continuidade e o bem estar de seus integrantes. Dessa maneira, a família é um sistema social responsável pela transmissão dos valores, das crenças, das idéias e significados que existem nas sociedades, exercendo, portanto, ampla influência no comportamento das pessoas, e, a começar, pelas crianças.

De acordo com os estudos de Dessen e Polonia (2007), a instituição família faz a mediação entre homem e cultura, já que ela é a unidade dinâmica das relações afetivas, sociais e cognitivas, imersas nas condições materiais, históricas e culturais dos grupos sociais. Dessa forma, a criança aprende a se expressar no ambiente familiar, e esses comportamentos passam a ocorrer também em outros ambientes onde ela interage, inclusive na escola. Vale ressaltar que atualmente as configurações familiares existem nas suas mais variadas formas, e não existe uma configuração familiar ideal, já que são diversas as formas de interação entre os indivíduos que constituem distintos tipos de famílias.

A família é também importante transmissor de valores culturais entre gerações. A

transmissão de conhecimentos e significados permite compartilhar também regras, valores, sonhos, perspectivas e padrões de relacionamentos. Além disso, os laços afetivos formados na família, em especial entre pais e filhos, podem auxiliar no desenvolvimento saudável e desencadear padrões de interação que possibilitem a adaptação da pessoa nos vários ambientes nos quais convive, inclusive na escola. A escola envolve diversas pessoas, cada qual com suas características particulares, sendo um ambiente multicultural que abrange a construção de laços afetivos e o preparo para a introdução da criança/adolescente na sociedade (DESSEN; POLONIA, 2007).

Desta forma,

[...] a família e a escola constituem os dois principais ambientes de desenvolvimento humano nas sociedades ocidentais contemporâneas. Assim, é fundamental que sejam implementadas políticas que assegurem a aproximação entre os dois contextos, de maneira a reconhecer suas peculiaridades e também similaridades, sobretudo no tocante aos processos de desenvolvimento e aprendizagem, não só em relação ao aluno, mas também a todas as pessoas envolvidas. (DESSEN; POLONIA, 2007, p. 9).

3. Os Grupos Operativos

No trabalho grupal devem ficar claros os objetivos a serem alcançados e há adaptações na técnica se o trabalho for realizado com crianças ou adultos, se é feito em uma instituição ou em clínica particular, se o grupo é específico, entre outros fatores. O trabalho grupal é classificado por idade, ambiente de trabalho, configurações vinculares, abordagens de acordo com o vínculo comunicacional e finalidade, mas principalmente, é necessário diferenciar os grupos com finalidades operativas e os grupos com finalidades terapêuticas (FERNANDES, 2003).

De acordo com Fernandes (2003), os grupos com finalidades operativas têm como objetivo esclarecer temas, situações, tarefas e proporcionar algum aprendizado que favoreça o progresso das pessoas envolvidas, individualmente ou em equipe. Esses grupos também podem ser terapêuticos, embora não tenham tal finalidade, além do mais, os grupos terapêuticos também proporcionam um alto grau de aprendizagem. Grupos com finalidades operativas podem classificar-se em grupos de discussão, grupos temáticos, grupos de orientação, grupos comunitários, grupos operativos, grupos de reflexão, entre outros. O grupo deve configurar um esquema conceitual referencial e operativo de caráter dialético, em que as contradições deverão ser resolvidas como tarefa no transcorrer do grupo. A finalidade do grupo operativo é mobilizar estruturas estereotipadas e obstáculos à comunicação e à aprendizagem, despertados pelo temor à mudança. Deve causar flexibilidade nos papéis e esclarecimentos facilitadores para aprender a pensar e a resolver tarefas.

Contudo, além da modalidade de trabalho, o bom atendimento dependerá também de estudo, supervisão, análise pessoal, experiência grupal e uma boa formação como grupoterapeuta e coordenador de grupos. Outro ponto importante é que o profissional interessado em trabalhar com grupos tenha claras as metas que deverá seguir. Para isso, necessita estar atento à técnica utilizada, avaliando se as metas são compatíveis com a técnica e com as condições de trabalho. Além disso, seus objetivos deverão estar de acordo com as metas dos pacientes e de acordo com o que foi combinado previamente. Torna-se importante também a avaliação contratransferencial, pois mostrará a viabilidade ou não do que foi proposto para ser realizado com o grupo.

Grupo Operativo, para Pichon-Rivière (2007), o precursor deste método, é um conjunto de indivíduos com um objetivo comum. A existência de um mesmo objetivo faz com

que os membros do grupo realizem um trabalho ou uma tarefa comum a fim de alcançar esses objetivos.

Para Fernandes (2003), um grupo operativo deve configurar um esquema conceitual, referencial e operativo (ECRO), que tenha um caráter dialético, em que as contradições referentes ao campo de trabalho devem ser resolvidas como tarefa durante o percurso do grupo. De acordo com Pichon-Rivière (2007), quando nos aproximamos de um paciente, nós o fazemos com um esquema referencial mediante o qual tentamos entender aquilo que lhe acontece, mas esse esquema deve ser dinâmico, ou seja, não estático.

A construção de um ECRO grupal comum é a tarefa principal do grupo para o estabelecimento de uma comunicação com afinidades entre os esquemas referenciais do emissor e do receptor. Esta elaboração do ECRO comum implica em um processo de aprendizagem. (FERNANDES, 2003).

Método

O objetivo específico dos grupos de orientação familiar foi investigar a dinâmica de cada família, a relação entre pais, filhos e escola e incentivar a participação da família na vida escolar dos filhos. Os grupos de orientação familiar ocorreram semanalmente, com duração de 90 minutos. Foram constituídos dois grupos, sendo o primeiro composto por três mães e uma tia-avó, e o segundo grupo composto por dois casais, três mães, um pai e uma irmã de alunos atendidos nos grupos operativos de crianças e adolescentes.

Algumas das atividades realizadas em grupo são brevemente descritas abaixo, e vale ressaltar que estas foram elaboradas e desenvolvidas de acordo com as demandas que surgiram durante os atendimentos.

Uma das atividades foi intitulada “Como nossos Pais”, na qual por meio da exibição de um vídeo da música “Como nossos pais”, interpretada pela cantora Elis Regina (Composição de Belchior), teve o objetivo de proporcionar uma reflexão sobre como atualmente os pais educam seus filhos e como esses pais foram criados pelos seus pais.

As atividades “Quadro de Hierarquia de Valores” e “Significado dos Valores” tiveram o intuito de proporcionar reflexões sobre valores pessoais, conduta, ética e autocrítica, de modo a possibilitar uma troca de conhecimento mais aprofundada entre os membros do grupo.

Outra dinâmica realizada foi nomeada “Masculino X Feminino”, e apresentou o objetivo de redimensionar valores e atributos pessoais, quebrar paradigmas e formar equipes a partir de características levantadas. Já a “Carta aos filhos” foi realizada buscando incentivar a afetividade dos pais para com seus filhos e expressar sentimentos, de forma a aproximá-los.

A discussão chamada de “Limites” trouxe o objetivo de fazer com que os pais refletissem sobre os limites que devem passar aos filhos, por meio da educação no cotidiano e a repercussão desses limites na escola, e, ainda discutir qual a concepção de limite dos participantes do grupo. A atividade “Passado, presente e futuro” buscou proporcionar uma reflexão sobre os avanços ocorridos desde que os pais começaram a participar do grupo.

Foi apresentado em uma das sessões um vídeo intitulado “Criança vê, Criança faz. Dê o exemplo”. O objetivo da atividade foi que após assistirem o vídeo, os pais opinassem e dissessem o que não gostariam que os filhos repetissem. Outro objetivo da atividade realizada foi sintetizar todas as atividades e discussões trabalhadas em grupo em relação a limites e exemplos de atitudes dos pais para os filhos.

Por fim, a dinâmica “Tirando o chapéu” proporcionou que cada participante

percebesse sua importância no grupo e soubesse da admiração e percepção dos outros a respeito dele.

Resultados

De maneira geral, os objetivos das atividades realizadas foram alcançados em cada um dos encontros. Foi possível perceber mudanças significativas nos participantes dos dois grupos, por meio das atividades propostas.

Observou-se que uma das integrantes, a princípio, devido a sua jornada de trabalho, faltou algumas vezes nos atendimentos, e tais faltas prejudicaram a continuidade das atividades discutidas nos encontros. Entretanto, atualmente, a participante está conscientizada da importância do seu papel na educação do filho e optou por continuar em atendimento no próximo semestre para que, de acordo com o que ela relatou, possa continuar auxiliando o filho nas questões relativas à aprendizagem.

Outro participante, no início, apresentava-se resistente em relação aos atendimentos, mas no decorrer dos encontros passou a ser mais participativo no grupo, expressar suas opiniões e dúvidas quanto ao cuidado de seu enteado. O participante constatou que a presença da esposa seria importante nesse processo e passou a incentivá-la a frequentar o grupo, participar da vida escolar do filho e ter mais autonomia em todos os aspectos de sua vida. Apresentou mudanças durante a participação no grupo, mostrando que atualmente consegue refletir sobre os temas propostos no grupo, e a partir dessas reflexões consegue encontrar alternativas e estratégias para auxiliar o enteado tanto no que diz respeito à escola quanto nos cuidados como pai.

Houve também uma integrante que depois de um longo período, apresentou avanços, mostrando-se mais flexível em relação aos cuidados do filho, e conseguiu, no decorrer dos atendimentos, mostrar-se mais compreensiva com o filho, e manter esses comportamentos.

À outra colega de grupo, que começou a frequentar as sessões bem depois, foi indicado que continue em um grupo de pais. Porém, foi possível perceber que, a princípio, a mesma apresentava-se muito resistente, fechada e indisposta a compartilhar suas experiências de mãe com o grupo, no entanto, no decorrer dos encontros, passou a sentir-se mais à vontade. Atualmente mostrou-se mais aberta a mudanças, a conhecer e compreender as particularidades do filho. Entretanto, ainda necessita ter mais autonomia como pessoa, e principalmente como mãe. A participante tem mostrado mudanças significativas, mas alguns pontos ainda precisam ser trabalhados e discutidos em atendimento com grupo de pais, como por exemplo, sua insegurança em algumas situações, e também a forma como demonstra sua afetividade aos filhos, por isso foi indicado que ela continue em um grupo de orientação familiar por mais algum tempo. O marido desta participante, no decorrer dos atendimentos, mostrou-se muito comunicativo e participativo no grupo, apresentando autonomia ao colocar em prática as reflexões discutidas nos atendimentos. Além disso, esforçou-se para acompanhar as questões escolares e particulares do filho, de forma mais ativa, e tem auxiliado a esposa nos cuidados com o filho.

Um dos pais participantes apresentou grandes avanços na relação com o filho, mostrando-se mais afetuoso, e conseguiu acompanhar o desenvolvimento do filho na escola de forma mais participativa e compreensiva. Paralelamente, o filho apresentou um bom desempenho escolar, sem queixas dos professores. O participante conseguiu expressar-se bem no grupo, expondo suas opiniões de forma clara e objetiva a respeito dos diversos temas trabalhados. Além disso, o integrante conseguiu perceber que suas mudanças influenciam também nas mudanças do filho em casa e na escola. Ao final, o participante foi dispensado

dos atendimentos, já que os objetivos da intervenção foram alcançados. No caso dos outros pais, foi indicado que continuem por mais um tempo nos grupos para que sejam trabalhadas questões que não se concretizaram durante a intervenção, devido às faltas ou insuficiência de tempo das reuniões realizadas na Clínica-Escola.

Considerações Finais

O trabalho realizado foi de grande contribuição para a formação acadêmica dos estagiários e para a compreensão das dinâmicas familiares dos participantes em atendimento.

Foi possível perceber que nas famílias, atualmente, os pais têm se mostrado participativos tanto quanto as mães. As famílias mostraram-se muito interessadas em participar da vida escolar dos filhos, no entanto muitas vezes têm dificuldade em acompanhar o processo de ensino-aprendizagem. Os atendimentos possibilitaram que os estagiários pudessem auxiliar as famílias na construção de estratégias que viabilizem um maior envolvimento dos pais neste processo.

Verificou-se a importância dos pais acompanharem a escolarização de seus filhos, para um bom desempenho escolar dos mesmos e também para melhorar o relacionamento entre eles. Foi possível notar que os progressos dos pais acontecem paralelamente às mudanças dos filhos.

Os participantes de ambos os grupos criaram um vínculo entre eles, de forma a compartilhar suas experiências entre si, e assim, puderam identificar situações semelhantes no relacionamento com os filhos. Por meio da troca de experiências, os participantes dos grupos puderam notar que existem várias formas de lidar com as dificuldades de aprendizagem de seus filhos.

Em um dos grupos observou-se que a assiduidade nos encontros é um fator importante para o progresso dos objetivos de intervenção propostos. Já em outro grupo, as faltas nos encontros ocasionaram dificuldades na continuidade dos temas trabalhados.

Os cuidadores em atendimento demonstraram mudanças no decorrer do processo, relatando estarem mais afetuosos com os filhos, tanto em casa com a família, quanto nas questões escolares. Observou-se que tais mudanças aconteceram devido à abertura que os participantes deram para que os estagiários pudessem trabalhar de forma efetiva os conteúdos trazidos por eles.

Constatou-se que para haver um progresso contínuo quanto à vida escolar dos filhos com dificuldades de aprendizagem, faz-se necessário um atendimento psicoeducacional integrado entre filhos, pais e escola.

Referências

BLEGER, J. Grupos operativos no ensino. In: _____. *Temas de psicologia: entrevista e grupos*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 53-82.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. C. A Família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, 2007.

FERNANDES, W. J.; SVARTMAN, B.; FERNANDES, B. S. e cols. *Grupos e Configurações Vinculares*. Porto Alegre: Artmed, 2003. p. 186 – 203.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A. O psicólogo na construção da proposta pedagógica da escola: áreas de atuação e desafios para a formação. In: ALMEIDA, S. F. C. de (Org.). *Psicologia*



Escolar: ética e competências na formação e atuação profissional. Campinas: Editora Alínea, 2003. p. 105-124.

OLIVEIRA, C. B. E.; MARINHO-ARAÚJO, C. M. Psicologia escolar: cenários atuais. *Estud. pesqui. psicol.*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, dez. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S18042812009000300007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 jun. 2011.

PICHON-RIVIÈRE, E. *Teoria Del Vínculo: Esquema Conceitual Referencial e Operativo (E.C.R.O.)*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 97 – 108.

POLITY, E. *Dificuldade de Aprendizagem e Família: construindo novas narrativas*. São Paulo: Vetor, 2001.

PROENÇA, M. A Queixa Escolar na Formação de Psicólogos: desafios e perspectivas. In: TANAMACHI, E.; PROENÇA, M.; ROCHA, M. *Psicologia e educação: desafios teórico-práticos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. p. 105 – 142.